

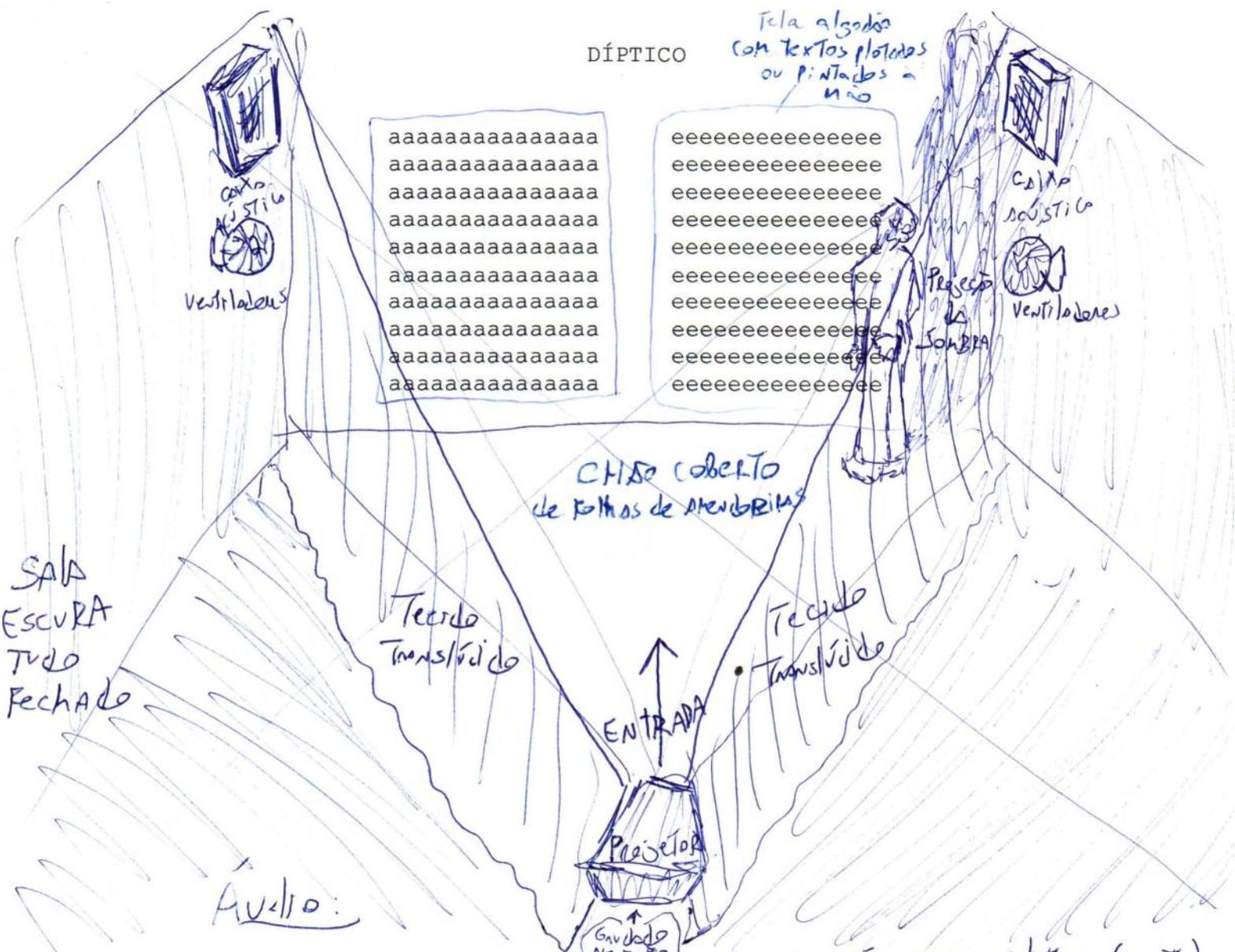
SITE - SPECIFIC : ANTE - SALA DA BIBLIOTECA
OU PEQUENO SÍTIO

Díptico

Lucas Weglinski

Ele sentava no parapeito da janela e pensava. Pensava não, queria, gostaria de. É bem diferente de pensar. Porque aí já envolve a intenção, que não tem absolutamente nada a ver com pensamento. Memória tem alguma coisa a ver com pensamento? Para alguns qualquer coisa que aconteça no interior do ovo é a mesma coisa, tudo farinha do mesmo saco. Então imagina o que memórias do futuro tem a ver com pensamento...Intenção é memória do futuro, ou deveria ser, ele merecia. E a intuição? Ele sentava no parapeito da janela e intencionava, cansara de intuir. Olhava o chão num muito lá embaixo. Subia um par de cordas azul céu da Costa Rica, que alcançava o céu pelo telhado passando pela janela vindo do chão. Uma ponte que cruzava três mundos. Ele não queria pular da janela com intenção de suicídio, não. Nem era lua cheia...tinha mais relação com descobrir o chão. Saber ele ali tão parado e barreira, mas tão longe dos seus pés fazia com que ele quisesse confirmar aquela existência mal anunciada. Há quanto tempo ele estava naquela janela já não era sabido, os pés no ar, gelados, a cabeça nas nuvens e copas, duas explosões constantes, eternas, etéreas. Urgiam os pés pelo chão, a cabeça não. Quantos existem dentro de cada um? Ele cansou da dúvida.

Forma ideal e única: para 1 pessoa - ponti cipante



possibilidade 1 - vento por orvalho copos de árvores ALTAS (muito)

possibilidade 2 - Fragmento Villa-Lobos (desnortado)

Possibilidades de inserções, modulações, MISTURAR AS DUAS, Tudo a ser feito na mixagem. No **exibição** o CD roda em looping. A desenvolver.

Projecção:

possibilidade 1 - Céu de dia, azul o máximo escuro com nuvens sólidas brancas.

possibilidade 2 - pôr-do-sol, céu sangue com pássaros acidentais.

possibilidades de fusão entre blocos que tenham longos períodos de exposição. Alternância, trabalho com cores das imagens, tempo de leitura de cada texto. Formato DVD (copins)

a

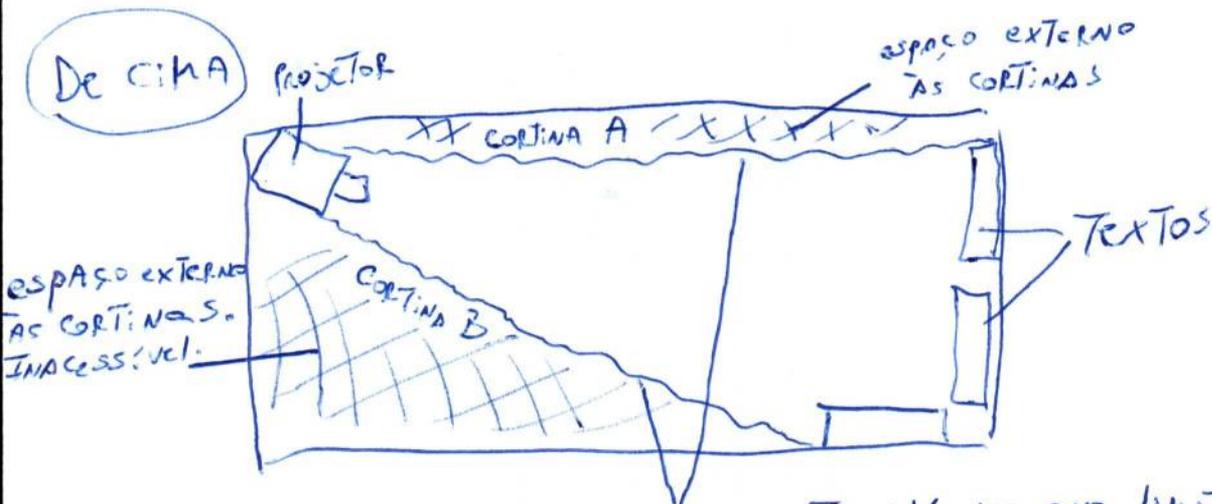
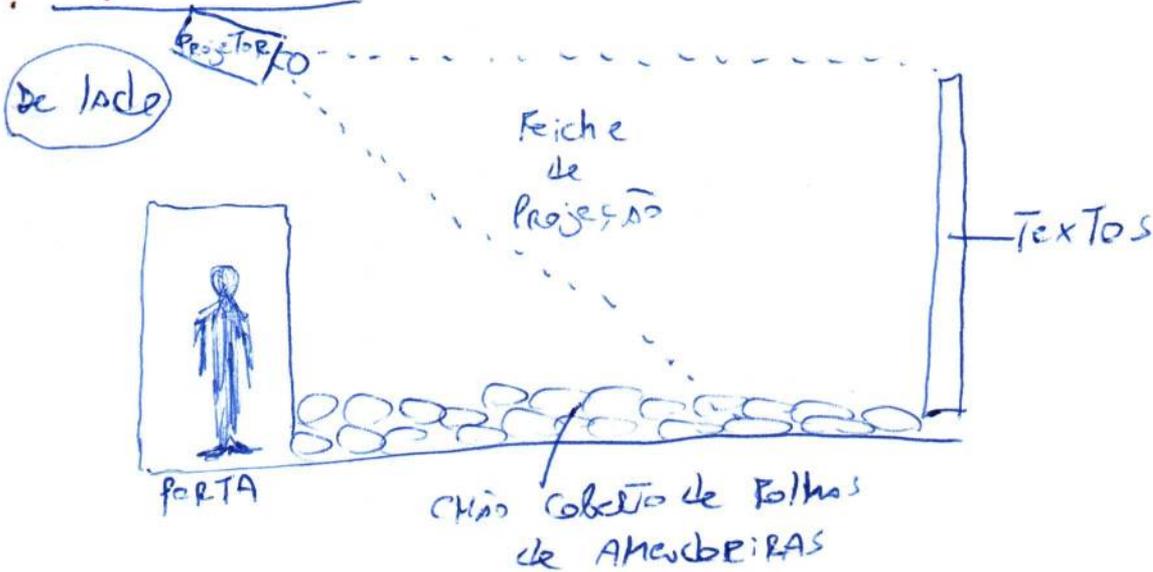
Ele sentava no parapeito da janela e pensava. Alta janela que permitia encarar aquelas amendoeiras frente a frente, olhos nos olhos. Um perigo para os homens. E pensava na arrumação das folhas, pequenas explosões no auge do salto da matéria física. No meio o núcleo, redondo e verde, um aspecto de pra morder imenso. E tudo verde, em cima, coberto certinho, discretas modulações do pardo ao rubi, como se todos os galhos em realidade estivessem em explosão, em verde, quando alguém mandou: Pára aí! E no auge tudo se imobilizasse, explosão parada, pausada. Fotografia instantânea de árvore em pleno momento de clorexplosão. E amendoeiras, como peixinhos de papelão, não sobrevivem sozinhas, há sempre algumas delas, subordinadas lado a lado, elas são organizadíssimas, militares. Então um tronco guarda sempre distância regular de outro, mas os topos-copas-cabeças tocam-se e se misturam, interferem vindo a fazer parte, anarquizam. Alguma coisa de molde ou forma nas amendoeiras é diferente. Embaixo são sólidas, solidão e geometria. No alto são explosões congeladas, caos atemporal, auge de distância alcançada por uma explosão advinda de literal combustão natural de seiva verde, que pulsa nas veias distantes das amendoeiras.

e

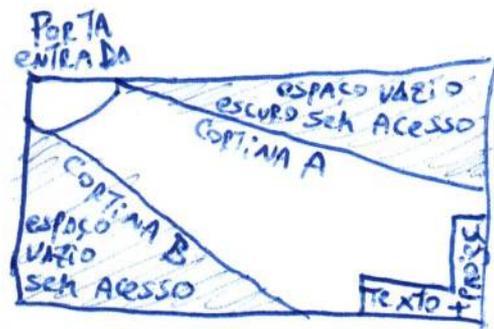
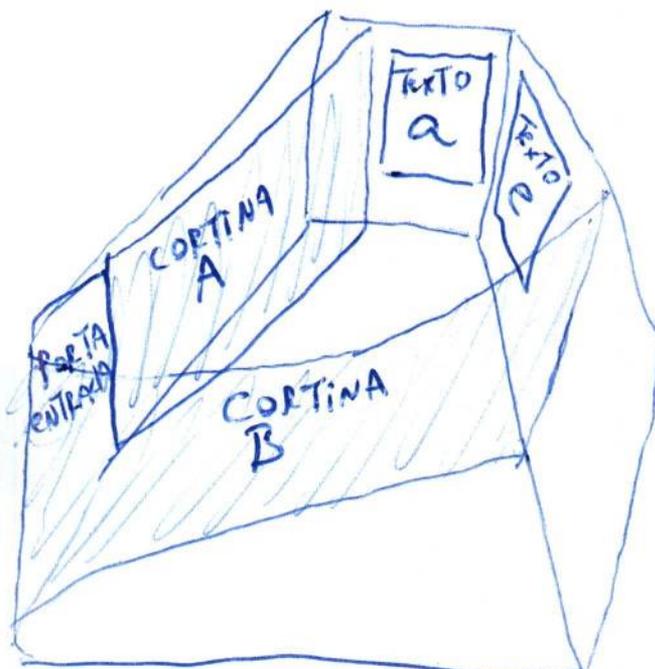
Ele sentava no parapeito da janela e pensava. Pensava não, queria, gostaria de. É bem diferente de pensar. Porque aí já envolve a intenção, que não tem absolutamente nada a ver com pensamento. Memória tem alguma coisa a ver com pensamento? Para alguns qualquer coisa que aconteça no interior do ovo é a mesma coisa, tudo farinha do mesmo saco. Então imagina o que memórias do futuro tem a ver com pensamento...Intenção é memória do futuro, ou deveria ser, ele merecia. E a intuição? Ele sentava no parapeito da janela e intencionava, cansara de intuir. Olhava o chão num muito lá embaixo. Subia um par de cordas azul céu da Costa Rica, que alcançava o céu pelo telhado passando pela janela vindo do chão. Uma ponte que cruzava três mundos. Ele não queria pular da janela com intenção de suicídio, não. Nem era lua cheia...tinha mais relação com descobrir o chão. Saber ele ali tão parado e barreira, mas tão longe dos seus pés fazia com que ele quisesse confirmar aquela existência mal anunciada. Há quanto tempo ele estava naquela janela já não era sabido, os pés no ar, gelados, a cabeça nas nuvens e copas, duas explosões constantes, eternas, etéreas. Urgiam os pés pelo chão, a cabeça não. Quantos existem dentro de cada um? Ele cansou da dúvida.

ESTRUTURA

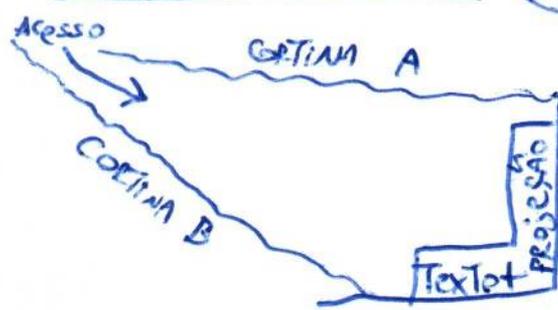
NUMA SALA TODA FECHADA E ESCURA, COM APENAS UMA ABERTURA PARA ENTRADA (PORTA).



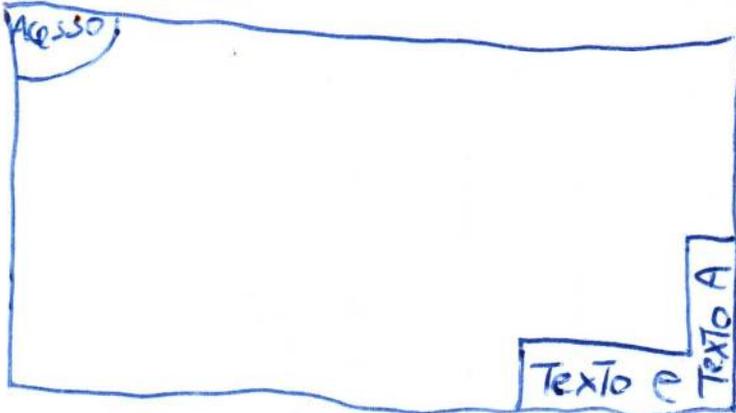
CORTINAS Translúcidas que limitam o espaço interno da OBRA e emolduram o feixe de PROJECÇÃO



ESPAÇO-OBRA: DE CIMA



ESTRUTURA



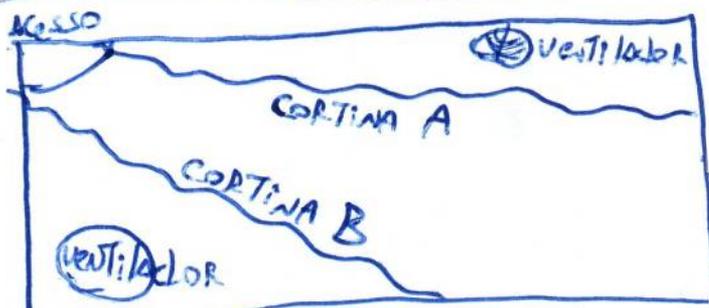
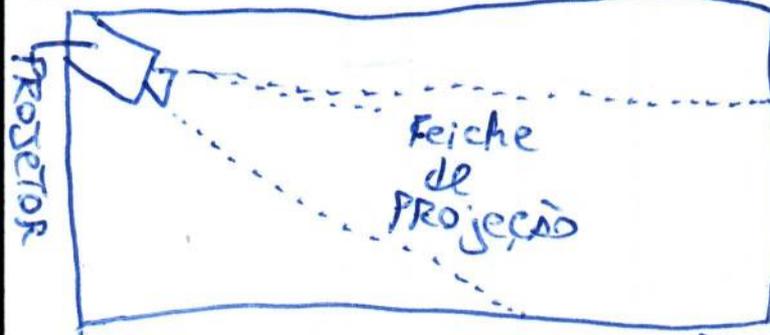
TEXTOS:

Sobre duas telas de algodão preparadas com os textos sobrepostos

Dois textos dípticos que permitem tanto leituras separadas quanto complementares. Ambos têm o mesmo tamanho e o mesmo número de linhas o que permite que lado a lado possam ser lidos como um só texto.

Projeção: (Looping)

Na espaço escuro os textos serão iluminados pelo próprio feixe de luz da projeção, direcionado para iluminar, através de imagens, ambos os textos. Imagens: céu azul muito escuro com nuvens sólidas, gordas, brancas



CORTINAS:

As cortinas são vedadas em ambas as extremidades, tornando inacessível o espaço exterior à projeção. Elas resistem e delimitam o espaço-obra. São de tecido muito fino (movimento, instabilidade do espaço interno) são translúcidas e refletem as cores da projeção

Dois pequenos ventiladores mantêm as cortinas em constantes ondulações, espaço limitado em movimento (paredes vivas)

SOM: (Looping)

Os som provém de caixas acústicas exteriores porém coladas às cortinas. Som vem do espaço invisível, exterior, inacessível, como o vento que movimenta as cortinas. O som utilizado será captado do barulho da passagem de vento pela copa de árvores altíssimas. Som puro de folhas lavadas pelo vento, sem qualquer interferência do ambiente.



CHÃO:

O chão, apenas do espaço-obra (triangular), estará coberto densamente por folhas de atendebeiras, sobre colocadas umas às outras de forma que o piso original fique completamente descaracterizado.

PARTICIPAÇÃO-SENSAÇÃO

Os PARTICIPANTES deverão entrar pelo único acesso, que será através da porta de entrada, coberta por uma tela preta para não vazar luz. Uma vez passado a porta eles já estarão no espaço-obra, ~~uma vez~~ que as cortinas estarão lacradas à porta não permitindo outras opções que não adentrar de vez ou se retirar do recinto. Quando adentram já estão isolados neste espaço e já podem ver os textos de longe cobertos pela projeção, na qual eles não interferem por causa da altura do projetor. É a visão mais completa da obra e mais distante.

Continuando à frente eles já pisam nas copas do árvores (massa de folhas no chão), passam pelas cortinas-vivas (cobrem mais distantes uma das outras e têm suas sombras (presença) denunciada pela projeção de sua própria sombra na imagem (céu), chegando frente ao texto eles têm que se desvencilhar da própria sombra para que seja possível o acesso ao texto completo. (No caso dos dois textos dispostos em ângulo reto, quando se posicionar para ler um, a sombra ~~seja~~ será projetada no outro, para se ler ambas como um só texto, ele vai ter que abaixar nas folhas para apagar sua sombra, que é a própria anti-projeção (a sombra).

O vento (ventilador) e o som (vento) são externas, mas interferem complementando a sensação do céu (projeção), das copas das árvores (chão) e do texto (síntese-guia).

Pelas características próprias do texto é recomendável que seja sempre uma experiência solitária, permitindo-se acesso a um experimentador por vez.



a

Ele sentava no parapeito da janela e pensava. Alta janela que permitia encarar aquelas amendoeiras frente a frente, olhos nos olhos. Um perigo para os homens. E pensava na arrumação das folhas, pequenas explosões no auge do salto da matéria física. No meio o núcleo, redondo e verde, um aspecto de pra morder imenso. E tudo verde, em cima, coberto certinho, discretas modulações do pardo ao rubi, como se todos os galhos em realidade estivessem em explosão, em verde, quando alguém mandou: Para aí! E no auge tudo se imobilizasse, explosão parada, pausada. Fotografia instantânea de árvore em pleno momento de clorexplosão. E amendoeiras, como peixinhos de papelão, não sobrevivem sozinhas, há sempre algumas delas, subordinadas lado a lado, elas são organizadíssimas, militares. Então um tronco guarda sempre distância regular de outro, mas os topos-copas-cabeças tocam-se e se misturam, interferem vindo a fazer parte, anarquizam. Alguma coisa de molde ou forma nas amendoeiras é diferente. Embaixo são sólidas, solidão e geometria. No alto são explosões congeladas, caos atemporal, auge de distância alcançada por uma explosão